

Fissuras Epistêmicas: Ilustrações e os Pensamentos Feministas Negros¹

Katianne de Sousa Almeida – PPGAS – UFG

Palavras-Chave: epistemologias; narrativas gráficas; pensamentos feministas negros

Resumo

Ilustrar é um caminho que desperta muitos sentidos, dois deles são, tanto tornar compreensível certo assunto, quanto transmitir conhecimentos sobre determinada área. Tendo esses dois aspectos como sustentação, a ilustração neste artigo assume um caráter metodológico, em que se explora as potencialidades das narrativas gráficas com o objetivo de proporcionar maior detalhamento sobre o tema abordado, neste caso específico, os conceitos criativos e críticos dos pensamentos feministas negros. Tais epistemologias singulares trazem para a superfície o debate sobre as intersecções entre gênero e raça e como eles alicerçam as relações de poder de maneira desigual. Para compreender as subjetividades latentes de alguns processos de construção hierarquizadas sobre os corpos negros e o aprisionamento do outro mediante conceitos biológicos, as imagens nesta produção acadêmica assumem o lugar de um recurso criativo de diálogo com feministas negras a exemplo de Neusa Santos, Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro que promovem uma relação dialógica entre os conjuntos de pensamentos científicos e histórias silenciadas originando fissuras nas abordagens hegemônicas brancas, europeias e masculinas da produção do conhecimento. Ilustrar as tensões que os pensamentos feministas negros apresentam como os espaços e linguagens de resistência, a não polarização entre teoria e prática e a construção coletiva de saberes é assumir o desafio de romper com os limites das palavras que, muitas vezes, não são ditas pela dor, pelo epistemicídio ou pela disputa por narrativas universalizantes. A imagem, a partir de uma leitura inicial, que seria um exercício de identificação, admite a interpretação que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo. Logo, ela como documento, como fonte, revela aspectos da vida material que, algumas vezes, a compreensão de fontes escritas não revela. Desta forma, as narrativas gráficas conjuntamente com os pensamentos feministas negros contribuem para a promoção das fissuras disciplinares, da visibilidade de teorias sociais engajadas e da ampliação dos horizontes epistêmicos.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Abordagens sensoriais

Um espírito inquieto incomoda-se em percorrer caminhos que já estão desgastados, repetir práticas que não fazem mais parte do contexto vivido e não haveria maior desconforto que a repressão de sua expressividade. Contudo, a quem é dado o direito de se expressar? Alguns diriam que a todos, caso estejamos em uma estrutura político-social democrática, mas se olharmos visceralmente para estes cenários que se dizem acessíveis o que enxergaríamos?

Caso não queira responder a tais perguntas assim de imediato, todavia não lhe concedo desculpas para dar no pé e safar-se do exercício de despertar os sentidos, ou seja, olhar atentamente, ouvir pacientemente, provar peculiaridades de saberes, que talvez jamais te apresentaram, e tocar, de forma sensível, os contextos desencobertos pelos feminismos negros

Essa abordagem, um pouco misteriosa a princípio, é para criar condições de uma aproximação mais astuta na mesa que, na maioria das vezes, só tem homens brancos, que vivem por ali onde eles chamam de norte, mesmo que outras pessoas também muito sabidas já disseram que norte e sul é uma questão de referencial, ou seja, de ponto de vista, que transem com mulheres, provavelmente, trabalhem umas quarenta horas semanais, não sabem o que é dupla jornada, talvez os mais legais “ajudem” suas esposas nas tarefas diárias e levam jeito para se relacionarem com seus filhos, ou não, já que alguns acham que sua função é pagar as taxas das instituições como escolas e hospitais, sendo estes feitos a “suficiente” contribuição.

Retomemos à mesa que estou a apresentar, a ela denominamos espaço de produção do conhecimento científico. Se estamos diante dela é latente o desejo da expressão, pois é a partir dela que somos reconhecidos por nossos pares, que cria-se a possibilidade do diálogo e aperfeiçoamento conceitual. Apesar de perceber as possibilidades férteis desse lugar, a produção do conhecimento é um espaço de poder, conseqüentemente, um espaço de disputa, e como bem explorou a filósofa negra brasileira e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra – Sueli Carneiro (2005) – é um espaço que tem dificuldades em compartilhar abordagens não hegemônicas, já que aqueles homens da mesa do parágrafo anterior não dão um espaçozinho, porque eles estão tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioléu, que nem reparam que se apertasse mais um pouco todo mundo podia sentar junto na mesa, não é mesmo Lélia Gonzalez (2018, pg.190)?

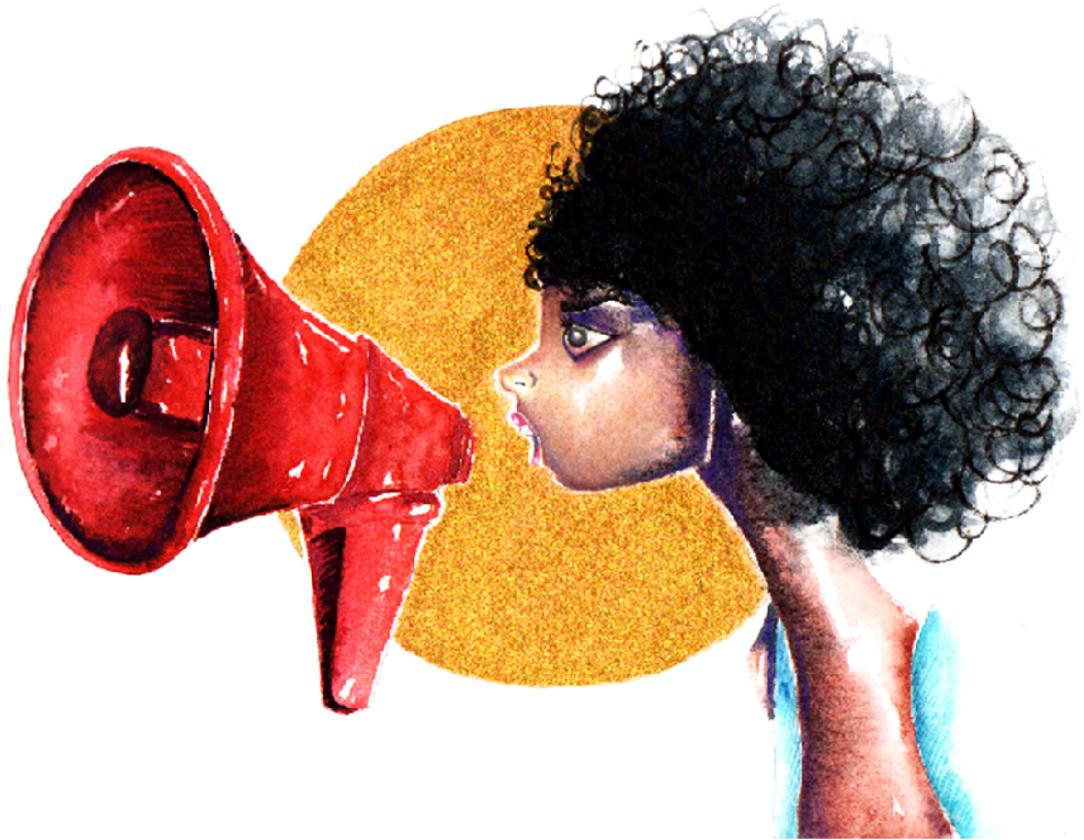


Ilustração 1 – vozes pretas

Ao propósito pujante de expressar, as possibilidades são tão infinitas que aquele espírito inquieto, citado no início, não encontra a hora de bradar as possibilidades criativas na aproximação da ilustração com os pensamentos feministas negros com a finalidade de ampliar os horizontes epistêmicos.

Falo tanto de narrativas gráficas, aproximações epistêmicas entre escrita e desenho, que até esqueci de especificar que este conceito vem da leitura das produções da antropóloga branca brasileira Karina Kuschnir (2004). Quando se evoca a linguagem dos desenhos busca-se traduzir para além das palavras (estas que são canonicamente aceitas como instrumentos capazes de produzir e construir o pensamento científico) interpretações visuais de conceitos.

A primeira ilustração, por exemplo, foi importante destacar a necessidade de abrir o debate e forçar as concepções de quem pode falar quanto ao pensamento científico e que amplia o debate deste tópico sobre a tão necessária ação de se expressar. Posto isto, sabe-se da multiplicidade de formas de expressão, contudo para o campo da

produção científica essa pluralidade é questionada e de acordo com a filósofa, socióloga negra norte-americana Patrícia Hill Collins (2012) a linguagem é um campo de disputa.

Segundo Collins o pensamento feminista negro é um espaço de conexão entre conhecimento e poder, conseqüentemente uma saída para estimular a resistência. Ela cita a feminista Obioma Nnaemeka que exemplifica essa ideia muito bem: “a maioria das mulheres africanas não estão obcecadas com articular o feminismo, pois simplesmente o praticam”(pg. 115). É possível, portanto, articular os objetivos deste artigo com a ideia acima, visto que a produção do conhecimento não deve ter seu alicerce ancorado apenas em um tipo de linguagem, pois as epistemes são também tateis e não exclusivamente abstratas.

A contribuição dos pensamentos feministas negros no diálogo deste artigo é demonstrar como é possível conectar a práxis e a teoria, porque não estamos obcecados em escrever sobre o que é o pensamento científico, estamos a praticá-lo.

Territórios colonizados, histórias silenciadas

No imaginário quanto à produção acadêmica científica destaca-se como referencial consagrado as realizações de homens brancos, ocidentais, heteronormativos e de classe média. Quando há um ideal de sujeito, denominado, muitas vezes, como escolhido, ou seja, que tem como função universalizar corpos e histórias, observamos um propósito violento de silenciamento da diversidade humana, já que esta é incapaz e inviável de se traduzir em algo uníssono.

Os projetos colonialistas dos continentes americano e africano serviram muito mais que conquistas materiais, eram estratégias de aniquilamento de culturas, de histórias, de vidas plurais. Ao interromperem as vivências singulares de diversos povos afogaram abundantes produções de saberes e deixaram submersas apenas a ilha do legado da mutilação escravista.

Resultados desta experiência nefasta são as opressões interconexas de raça, classe, gênero, sexualidade e nação. E são as mulheres negras as mais afetadas pela subjugação tanto pelo racismo quanto pelo sexismo. Mergulhadas em vários níveis de opressões, silenciamentos e estruturas que desejam o seu aniquilamento.

Diante dos desafios de evitar o afundamento que negam os corpos e identidades negras, para Patrícia Hill Collins (2012) o feminismo negro estadunidense

tem como objetivo resistir a opressão tanto em sua forma prática quanto nas ideias que justificam o racismo, pois não haverá empoderamento sem a eliminação das opressões.

Sendo assim, a alteridade que tanto se discute nas produções acadêmicas somente será possível se favorecermos as posturas críticas e questionadoras, marcadas pelas múltiplas vozes, posicionamentos e temporalidades.

A ilustração abaixo transpõe o cenário dos desafios da visibilidade e as tentativas de se quebrar os silêncios impostos pela escravidão, pela colonização, pelo imperialismo e a migração forçada. Depois de tantas formas de afundar os corpos negros, mesmo assim, há resistência, pois os quilombos ainda estão sendo construídos. A escritora caribenha-estadunidense, poeta e ativista negra Audre Lorde nos convoca a transformar o silêncio em linguagem e em ação, mesmo que isto seja um ato perigoso. Entretanto, mesmo com o medo do desprezo, do aniquilamento e o temor da visibilidade, desprezar a luta de se romper com essas estratégias do racismo não é viável, já que não é possível viver verdadeiramente com tais amarras.

Cada uma de nós está hoje aqui porque de um modo ou outro compartilhamos um compromisso com a linguagem e com o seu poder, também com a recuperação dela que foi utilizada contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é de uma necessidade vital para nós estabelecer e examinar a função dessa transformação e reconhecer seu papel igualmente vital dentro dessa transformação (LORDE, s.d, mimeo).



Ilustração 1 - o entre lugar

É importante ressaltar que neste contexto de extermínio, invisibilidade e apagamento o campo do conhecimento foi construído. A ciência advinda pelo projeto iluminista tinha como base o pressuposto de se considerar como universal, isenta, neutra

e nesta disputa do espaço do conhecimento, e, conseqüentemente, de reconhecimento, fabricou-se a mentira mais valiosa da modernidade: o rigor teórico e a coerência conceitual como especificou Neusa Santos (1983) em sua obra “Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.

Contudo, lentes poderosas foram confeccionadas para conduzir à visibilidade que auxiliaram tanto no passado, como auxiliam no presente para a demolição dos mitos indicados acima (neutralidade científica, imparcialidade teórica) que seriam os processos de agenciamento, militância e engajamento de pessoas negras, ou seja, a solidariedade do grupo negro apresenta-se como força motriz para subverter a negação e o massacre de suas identidades.

A terceira ilustração ressalta o valor de novos olhares, com as lentes dos feminismos negros para abrir o horizonte de captação de conceitos e teorias, com a intenção de forçar os limites da escrita e dos arcabouços disciplinares clássicos. Os pensamentos feministas negros nos convidam a desarticular os projetos de hierarquização das diferenças, pois a diferença é um valor que deve ser celebrado e não o contrário, como uma justificativa de dominação e exploração.



Ilustração 3 – lentes américas

Os territórios colonizados são espaços marcados pela dor e pelo silenciamento, entretanto, não podemos ser ingênuos que os corpos escravizados não seriam também corpos de lutas e resistências, como bem exemplificou Angela Davis (2016) em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”.

A filósofa e feminista negra estadunidense na obra citada recusou a ilusão da neutralidade científica, demonstrando por meio dos diversos pensamentos de feministas brancas e negras as assimetrias sociais e muito mais que o pragmatismo teórico, sua visão ativista tornou-a capaz de identificar os lugares de privilégios que cercam as teorias postas no campo científico e as relações sociais dentro do trabalho, nas instituições como escolas, hospitais, nas moradias, nas ruas, dentro da família, entre outros espaços que precisam, necessariamente, passar pelas intersecções de gênero, raça e classe.

Portanto, sem a interlocução com estas categorias de análises a construção do conhecimento, ou seja, a epistemologia, torna-se vazia, ou melhor, cruelmente hegemônica e incapaz de compreender os seus próprios limites. As diferenças, as vozes, os sujeitos precisam ser celebrados, pois é por meio da ebulição de tais misturas heterogêneas que surgem os questionamentos, as criações, as inovações, logo os pensamentos críticos. Almeja-se que os resultados das produções científicas sejam dinâmicos, conseqüentemente que sejam ampliados os horizontes epistêmicos e o caminho para tal propósito está em descolonizar os corações.

E essa tal de Antropologia cumé que fica?

O entendimento quanto ao conceito de cultura não está pacificado, assim descreve o antropólogo branco brasileiro Laraia (2001), entretanto quando as pessoas negras produzem suas pesquisas acadêmicas há uma depreciação de seus trabalhos sendo considerados como menos científicos e mais próximos de um manifesto ativista. E voltando pra mesa dos sujeitos hegemônicos do início do artigo, se nem mesmo eles conseguem unificar ou universalizar um conceito que sintetiza o campo disciplinar como podem ter tanta certeza que aquilo que o outro não-hegemônico escreve não condiz com o formato? Porque foi armada a quizumba e a pretaiada não aceita o controle nem dos seus corpos e nem de suas palavras (GONZALEZ, 2018, pgs. 190-191).

A produção da ilustração abaixo de uma mulher negra trasbordada por um pigmento dourado sintetiza as estratégias de resistência e a tomada da posse de seu lugar de direito de fala, pois quando o dourado, ou melhor, o ouro simboliza poder, externa-lo é um movimento de luta libertador. Mas, não é uma liberdade ingênua, é uma liberdade carregada do compromisso de produzir uma teoria social crítica

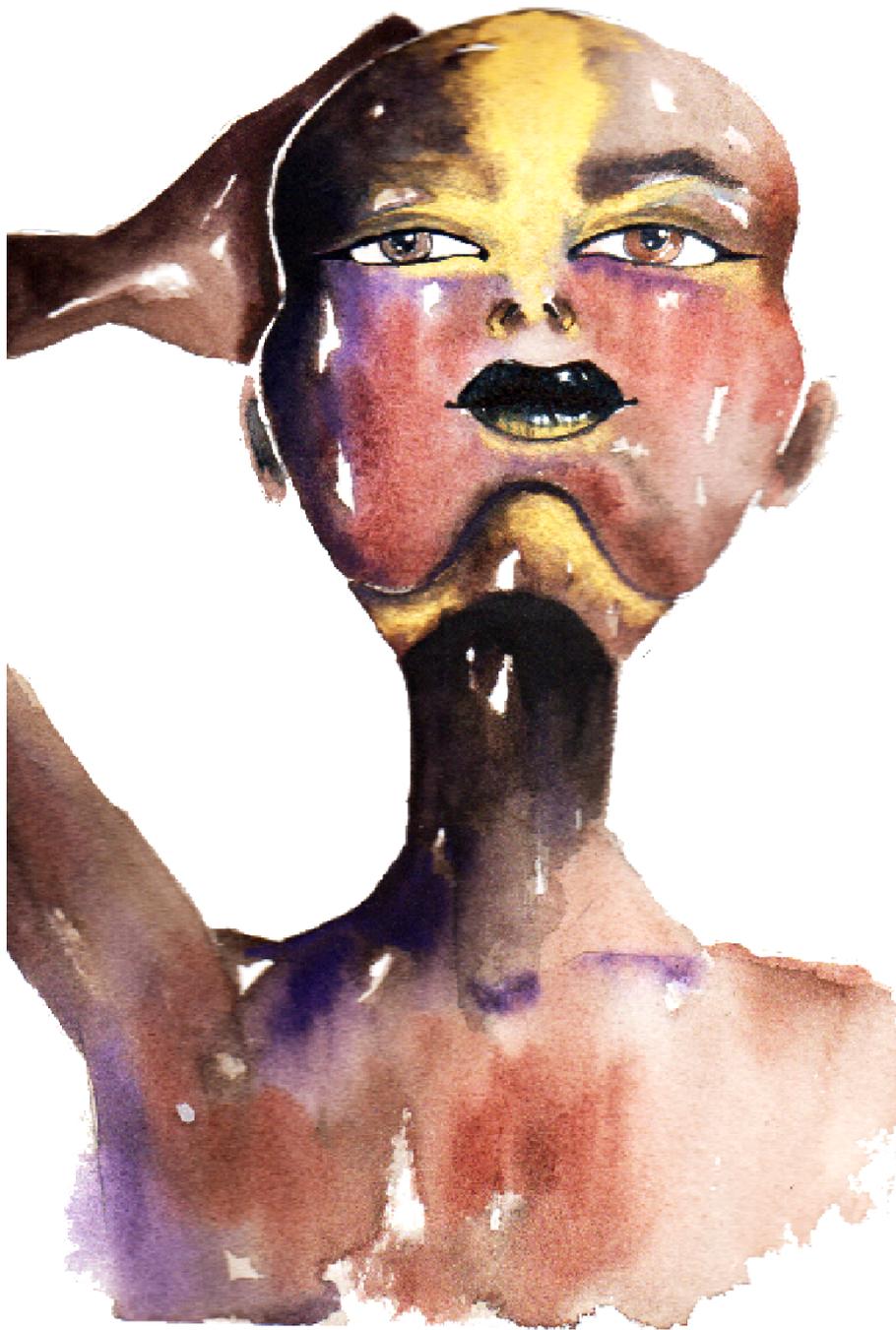


Ilustração 4 – resistência transbordada

A Antropologia, como um campo disciplinar, é chamada em caráter de urgência para não mais ignorar as vozes dos pensamentos feministas negros, ela não pode continuar com a postura de matriz colonizadora cega, surda e muda para a institucionalização do racismo, do sexismo e do classismo. O princípio da alteridade em que se firmou o campo parece ter ficado apenas no plano das ideias, logo o outro foi

institucionalizado como sujeito que se podia continuar a discriminar, explorar ou oprimir.

No entanto, diante do projeto de colonialidade e silenciamento em curso existe a resistência, os movimentos dentro e fora da academia que desafiam a estrutura social excludente. Novamente coloco em evidência que os pensamentos feministas negros podem contribuir com o esfacelamento das hierarquias dentro da produção do conhecimento, pois não tem mais sentido retirar do pesquisador aquilo que o constitui, portanto é iminente a fusão entre a teoria e a prática. Na contemporaneidade da produção acadêmica não há mais fundamentos legítimos que mantêm os argumentos da neutralidade e imparcialidade da ciência, a todo instante grupos mobilizam-se para a prática de uma antropologia engajada.

Na quinta ilustração ressalto este que é um dos princípios do feminismo negro: o coletivo. É pelas alianças em grupo que se viabiliza o engajamento, a resistência e o empoderamento. É o coletivo que transforma as concepções hegemônicas.



Ilustração 5 – engajamento, resistência e empoderamento

No início deste artigo apresentei a ilustração como um caminho possível na ampliação do entendimento sobre determinados conceitos. A intenção da abordagem antropológica aqui prometida era tratar as epistemologias dos feminismos negros por meio do fazer. O desenho e a ilustração são caminhos em busca de alternativas aos cânones ortodoxos do mundo acadêmico.

A pretensa neutralidade científica é um mito comum da retórica da ciência, contudo as linguagens são múltiplas e somos chamadas e chamados a articular os

diversos conhecimentos de forma criativa e crítica. A resistência também nos obriga a reinventar-se.

Ilustrar conceitos é debruçar sobre os significados de dentro para fora. Quando nos colocamos diante do exercício de criar linhas, formas, texturas e cores aprofundamos na análise dos temas que estamos nos propondo a estudar e, conseqüentemente, a analisar.

A ilustração é também um caminho escolhido para criar afetos com o desenvolvimento da produção do conhecimento. Essa linguagem mostra o quanto, muitas vezes, o processo de se expressar é tão complexo e tão profundo que as palavras não são suficientes.

Comentários Finais

Na contemporaneidade, a Antropologia precisa ser um campo disciplinar de novas ideias e ter um espírito inquieto, conseqüentemente, das antropólogas e dos antropólogos exige-se o máximo das suas capacidades de criarem meios para a fissura da metodologia clássica de pesquisa e das epistemologias tradicionais, ou seja, experimentar o seu potencial criativo para aguçar o olhar diante do contexto à sua volta e das possibilidades de expressões dos grupos sociais.

A próxima ilustração demonstra que este artigo é um convite ao mergulho profundo na investigação de outras linguagens para além da escrita, além de um olhar criativo para alguns conceitos dos pensamentos feministas negros, estes que tem como fundamento colocar-se em debate, em estado de alerta, em contínua fluidez. O diálogo com os pensamentos feministas negros deve pautar-se pelo processo de afetação, pela experimentação e por uma vivência real da alteridade.



Ilustração 6 – mergulho epistêmico

Expressar a necessária força visceral que as mulheres negras precisam ter para serem ouvidas e lidas na produção científica hegemônica seria menos racista para mim, mulher branca, se eu também ousasse, como elas, romper as definições do cânone da Antropologia, ou seja, a sua suposta objetividade, os rigores das técnicas e dos métodos e do refinamento das palavras.

Portanto, gostaria de salientar que as alternativas epistemológicas são possíveis e a natureza experimental da Antropologia deve ser comemorada e jamais encoberta, como algumas vezes nos deparamos diante de cenários frustrantes no debate acadêmico. Não podemos nos esquivar de assumirmos riscos, porque ao final não é possível controlar os imponderáveis da vida cotidiana.

Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. USP. 2005.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

LARAIA, Roque de Barro. *Cultura: um conceito antropológico*. 14ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LORD, Audre. *Textos Escolhidos*. [s.d] [Mimeo].

KUSCHNIR, Karina, «Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa», *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 3, No 2 | 2014. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/cadernosaa/506> ; DOI : 10.4000/cadernosaa.506 >. Acesso em 17.11.2018.

_____ «A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas», *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 5, No 2 | 2016. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/cadernosaa/1095> ; DOI : 10.4000/cadernosaa.1095 >. Acesso em 17.11.2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRUTH, Sojourner; Et Al. *Feminismos Negros: Una Apología*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. (*Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro*. Patricia Hill Collins) pp. 99-135

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas. *Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras*. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.